

Branco contra os bolcheviques — e ainda com os receosos anos de emigração desde então, após sua fuga da fortaleza de S. Pedro e S. Paulo. Mas todos esses anos de condições anormais deram-lhe uma espécie de visão madura e filosófica da vida.

Por falar nisso, conheci outra pessoa, que gostava de apresentar-lhe pessoalmente: um amigo com quem às vezes colaboro e que tem sido uma fonte de muita inspiração para mim. É um discípulo de Kleist, mas sem gabinete ou dignidades, de origem camponesa e também uma vítima da guerra, no início dos quarenta. Acho bondoso por parte da vida enviar-me tão tarde um companheiro de jornada tão especial. (Sei também o quão intimamente Kleist está ligado à nossa, sua, causa.)

Além disso, encanta-me observar de ano em ano como muito do que nos acontece demora a tornar-se uma experiência interior. Apenas na velhice este processo se completa e, por esta razão, é certo e direito realmente envelhecer, apesar do lado inverso menos agradável, representado pela enfermidade. Parece-me que isso é verdade até mesmo nas questões do intelecto, e não apenas na vida emocional. E já que a que chamamos viver, do berço ao túmulo, é cheio de cargas e dificuldades, muitas vezes torna-se consolador pensar que a vida, em virtude de sua extensão, paradoxalmente ainda tem algo a oferecer-nos, a fim de que não sejamos tentados a ofendê-la demasiadamente.

Perdoe-me esta tagarelice! Junte-a ao resto daquilo que o 6 de maio lhe traz em excessiva quantidade. O desejo ardente de vê-lo e de falar-lhe, afinal, precisa encontrar uma saída — para aquelas inúmeras pessoas que o amam tão profundamente.

De todo o coração,  
Sua Lou

(Viena, Grinzing, 16 de maio de 1934)  
XIX, Strassergasse 47

Minha cara Lou

Não deixe de anotar o endereço. Ele indica o mais belo jardim e a mais encantadora casa em que jamais passamos nossas férias de verão. Surgiu subitamente depois de uma longa

procura e, desta vez, os proprietários não são judeus empobrecidos, mas honestos patrícios (von Schöller) que nos trataram da forma mais amigável. Chegamos aqui antes de 1.º de maio e o ano, em seu capricho, deixou-nos gozar uma primavera estranhamente bela mas, infelizmente, um tanto prematura. Aqui seria o lugar certo — ao menos para um nativo de Viena — 'para morrer na beleza'.

Não posso concordar com o elogio da velhice que você exprimiu em sua bondosa carta. Por razões pessoais, sem dúvida. Fico contente por adaptar-se a ela tão melhor do que eu. Mas, neste ponto, você não é de forma alguma tão velha e não se enraivece tanto. A raiva reprimida exaure a pessoa ou o que resta de seu antigo ego. E é tarde demais para criar um novo ego aos setenta e oito anos. Um bom amigo meu, Arnold Zweig, o autor de *Grischa*, deseja projetar e delinear um retrato de Nietzsche. Ele sabe que você seria uma mentora inestimável. Mas será que estaria disposta? Na verdade, aconselhei-o a desistir da idéia total do projeto.\*

Cordialmente, como sempre,

Seu,  
Freud

(Göttingen) 20 de maio 34

Caro Professor Freud,\*\*

Estou anotando seu endereço com a mais pura alegria, pois agora minhas ansiedades estão mais do que dissipadas. O senhor escreveu: é a casa mais encantadora e o mais belo jardim em que jamais passou suas férias de verão. Se ao menos o senhor pudesse ficar aí, não apenas durante o curto período de verão, mas durante o inverno também. Isso está completamente fora de cogitação? Será que esses 'honestos e amigáveis patrícios', como o senhor os chama, não poderiam ser persuadidos a concordar com isso?

Não quero perder mais tempo antes de acrescentar mais um item a esta pequena carta de saudação e agradecimento,

\* C.f. *The Letters of Sigmund Freud and Arnold Zweig*, Londres e Nova Iorque, pp. 74-81.

\*\* Escrita a lápis.